VI coMcult 08 e 09/11
VÍNCULOS, REDES E AMBIENTES
VI CONGRESSO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO E CULTURA

TERRA E IDENTIDADE: CRIANDO MEMÓRIAS E VÍNCULOS NO PROCESSO COLABORATIVO DE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL [1]

TERRITORY AND IDENTITY: CREATING MEMORIES AND LINKS THROUGH THE AUDIOVISUAL PRODUCTION COLLABORATIVE PROCESS

Ana Luisa Boavista Lustosa Cavalcante[2]

Mônica Panis Kaseker[3]

Resumo

O artigo apresenta um estudo de caso sobre a produção colaborativa da série de vídeos intitulada Terra e Identidade - Autobiografias étnico-comunitárias, produzida pelos estudantes indígenas do Ciclo de Iniciação Acadêmica Intercultural (Ciclo) da Universidade Estadual de Londrina (UEL), em parceria com estudantes não indígenas dos cursos de Design Gráfico, Moda e Jornalismo. O trabalho colaborativo e intercultural consistiu em oficinas de grafismos e de produção audiovisual, mediando processos de fortalecimento da identidade indígena e de interculturalidade.

Palavras-chave: Comunicação audiovisual. Design colaborativo. Memória. Identidade. Interculturalidade.

Abstract

The article presents a case study on the collaborative production of the video series entitled Terra e Identidade – Ethnic-Communitarian Autobiographies, produced by the indigenous students of Ciclo – Cycle of Academic Intercultural Primary Studies – of the State University of Londrina (UEL), in partnership with non-indigenous students from the courses of Graphic Design, Fashion Design and Journalism. The collaborative and intercultural work consisted in workshops of graphics and audiovisual production, mediating processes of reinforcement of the indigenous identity and interculturality.

Keywords: Audiovisual communication. Collaborative Design. Memory. Identity. Interculturality.

---

[1]Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Ecologia Comunicativa Comunitária, do VI ComCult, Universidade Paulista , Campus Paraíso, São Paulo – Brasil, 08 a 09 de novembro de 2018.

[2] Doutora em Engenharia e Gestão do Conhecimento (UFSC), Departamento de Design, Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: anaboavista@uel.br

[3] Doutora em Sociologia (UFPR), jornalista e professora do Curso de Jornalismo e do Mestrado em Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: mkaseker@gmail.com

Introdução

Terra e Identidade - Autobiografias étnico-comunitárias é o nome de uma série de vídeos produzida por estudantes indígenas do Ciclo de Iniciação Acadêmica Intercultural (Ciclo) da Universidade Estadual de Londrina (UEL), em parceria com estudantes não indígenas dos cursos de Design Gráfico, Moda e Jornalismo, no primeiro bimestre letivo de 2018. A proposta deste artigo é refletir sobre como a produção dos vídeos, que foi colaborativa e intercultural, contribuiu para o processo de fortalecimento da identidade indígena e da interculturalidade, assim como expandiu as ecologias habitativas de todos os envolvidos, ampliando suas conexões e criando memórias e vínculos.

No estudo de caso proposto, após uma contextualização histórica sobre o ingresso dos indígenas na universidade, discute-se o conceito de identidades culturais, assim como sua relação com a visualidade e a visibilidade, com base em autores como Hall (1997), Bauman (2005) e Benedict (1972). Em seguida, relaciona-se a experiência de produção das autobiografias étnico-comunitárias com a noção de ecologia habitativa reticular apresentada por Di Felice. Como participantes do processo de produção dos vídeos, as autoras apresentam reflexões sobre os sentidos do fazer, com base nas leituras dos autores mencionados, estabelecendo, por sua vez, conexões entre teoria e prática.

A presença indígena na UEL

Historicamente, a inserção dos povos indígenas na universidade é tardia. No Paraná, a educação superior indígena começa a partir de 2001, com a aprovação da Lei nº 13.134, que previa a realização do vestibular específico e da reserva de vagas para estudantes indígenas nas universidades estaduais paranaenses, uma iniciativa pioneira em todo o país. A Comissão Universidade para os Índios (CUIA), em seus âmbitos locais e estadual, foi criada para coordenar os processos de ingresso, permanência e acompanhamento pedagógico desses estudantes. (Amaral; Silvério, 2016).

Após 16 anos da entrada da lei em vigor, a conclusão dos cursos de graduação pelos indígenas ainda é um desafio. Na Universidade Estadual de Londrina, 96 estudantes ingressaram pelo vestibular indígena nesse período, mas somente 13 concluíram seus cursos. Atualmente, existem sete universidades estaduais no Paraná, cada uma recebendo seis

estudantes indígenas por ano para iniciar a educação superior. Entre as dificuldades para que os acadêmicos indígenas permaneçam e concluam seus estudos estão: a baixa qualidade da educação básica, o preconceito, o fato de alguns terem a língua portuguesa como segunda língua, a distância geográfica da terra indígena em relação ao campus e até mesmo a adaptação à vida na cidade (Amaral, 2010; 2016).

Após discussões internas, assim como debates junto aos acadêmicos e lideranças indígenas da região, foi implantado na UEL em 2014 o Ciclo Intercultural de Iniciação Acadêmica dos Estudantes Indígenas, uma política que busca contribuir para a afirmação da presença indígena no ambiente acadêmico. Trata-se de uma modalidade especial de graduação, com duração de um ano, composta por práticas educativas interdisciplinares, cujo objetivo é "promover formação acadêmica ampla e intercultural dos estudantes indígenas ingressantes na graduação" (UEL, 2013, p.4). Somente após a aprovação nessa etapa, o estudante pode optar pelo curso no qual irá se matricular. O fato de terem um ano para conhecer melhor a universidade e os cursos de graduação ofertados tem amadurecido as escolhas dos candidatos indígenas, diminuindo o índice de retenção nas primeiras séries, assim como as desistências e transferências de cursos (Capelo; Amaral, 2004; Amaral, 2010; 2016).

A carga horária do Ciclo é de 480 horas letivas, organizadas em quatro eixos temáticos bimestrais. Os eixos temáticos são os seguintes: 1) Terra e Identidade, 2) Ciência e Saúde, 3) Cidadania e Sustentabilidade: cidadania e políticas públicas e 4) Cotidiano Acadêmico (UEL, 2016).

Como explicam Guerra, Amaral e Ota (2016), os eixos temáticos consistem em dois blocos de atividades, sendo um de natureza teórica (com conteúdos associados à Língua Portuguesa, Matemática e Ciências da Natureza) e outro de natureza prática (rodas de conversa com a participação de convidados especialistas em temáticas dos eixos e com lideranças indígenas; visitas para conhecer diferentes órgãos e espaços existentes na Universidade, encontros com coordenações de colegiados de cursos desejados pelos estudantes indígenas, bem como com representantes estudantis de centros acadêmicos, etc.). A experiência do Ciclo, no formato descrito, é inédita no Brasil e até mesmo na América Latina e atualmente está atendendo a quinta turma de acadêmicos indígenas ingressantes na UEL.

O eixo a que se refere este artigo – Terra e Identidade - aborda a questão das identidades culturais e da conexão dos acadêmicos com seu grupo étnico e suas comunidades. Como diz Amaral, ao ingressar na Universidade esses jovens desenvolvem um sentido de duplo pertencimento, como acadêmicos e indígenas, à sua aldeia e comunidade e à "Univer-cidade" (Amaral, 2010).

Identidade e visibilidade

A relação entre os conceitos de identidade e visibilidade de uma determinada cultura pode ser vinculada aos seus aspectos visuais que, sendo preservados, sistematizados e disseminados, produzem a memória de um grupo social. O "registro da memória é uma estratégia para a reestruturação das visões de mundo", pois torna compreensível conflitos entre culturas que "não se restringem apenas a chegada, dominação e etnocentrismo dos colonizadores, embora já existissem no território nacional mais de 1000 povos que também disputavam territórios e poder e se misturavam culturalmente" (Cavalcante, 2014, p.90). Tais combinações culturais entre diferentes etnias indígenas podem ser de difícil identificação quanto a sua origem, entretanto aos pertencentes dos povos ancestrais, a identificação cultural está inerente em seus cotidianos, sendo percebida e distinguida por estes espontaneamente. Por outro lado, a compreensão de uma realidade diferente do universo sociocultural conhecido necessita de sensibilidade, além da proximidade e convivência com os diferentes grupos e suas organizações sociais. Como exemplo, Caldart (1980, p.32) menciona que "não se consegue entender a lógica de um símbolo, se não se aceita e respeita essa lógica". Deste modo, a visibilidade de uma outra forma de ver e de viver o mundo pode ser percebida como estranha entre diferentes grupos sociais, causando intolerância e desrespeito. Estas podem ser razões que tornam complexa a visibilidade de diferentes grupos que fazem parte das minorias sociais.

Conforme Ono, o conceito de identidade cultural é vinculado à abordagem sobre a diversidade cultural, além de estar imbricado no contexto da globalização. A cultura, para esta autora, encontra-se associada ao processo de formação das sociedades humanas, em uma "relação de simbiose, interdependente e dinâmica que acompanha o desenvolvimento dos indivíduos e grupos sociais, expressando sua linguagem, valores, gestos e comportamentos, enfim, sua identidade" (2006, p.03).

Bauman (2005, pp. 17-18) relaciona o conceito de identidade com pertencimento, a saber:

> o "pertencimento" e a "identidade" não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso - são fatores cruciais tanto para o "pertencimento" quanto para a "identidade". Em outras palavras, a "ideia de ter uma identidade" não vai ocorrer às pessoas enquanto o "pertencimento" continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa".

A identidade, para Hall (1997, p.8), é um conceito complexo, pouco desenvolvido e pouco compreendido na ciência social contemporânea para ser posto à prova. É algo formado ao longo do tempo através da inconsciência e está sempre em formação ou em expansão. Já Bauman aponta que a identidade é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto. É frágil e sua condição é provisória. E acrescenta:

> As "identidades" flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas (2005, p. 19).

Hall (1997, p.69) examina três possíveis consequências a respeito dos efeitos da globalização sobre as identidades culturais: as identidades nacionais estão se desintegrando por causa da homogeneização cultural crescente e do "pós-modernismo global"; as identidades nacionais e outras locais ou particularistas estão sendo reforçadas pela "resistência à globalização"; e as identidades nacionais estão em declínio, dando lugar às identidades híbridas. Este autor ainda aponta que, à medida que se expõem as culturas nacionais às influências externas, fica difícil conservar identidades culturais ou impedir seu enfraquecimento por meio do "bombardeamento ou infiltração cultural" (Hall, 1997, p.69). Este autor menciona que, colocadas acima da cultura nacional, as identidades globais começam a se deslocar e, algumas vezes, a apagar as identidades nacionais.

Nota-se que a identidade cultural de um povo poderá ser definida por meio de trabalhos de reconhecimento, identificação e preservação de elementos culturais e por ações de visibilidade. Tais contribuições nessas comunidades ou grupos sociais têm sido realizadas e, de acordo com uma perspectiva antropológica, as ações em design e comunicação possibilitam maior visibilidade desses grupos.

O desafio de tornar visível pode ser observado em Benedict (1972) quando afirma que as pessoas se privarão de experiências enriquecedoras enquanto existir uma defensiva em

relação às outras culturas. Compreender outras culturas por meio da informação e conhecimento é um caminho a seguir e torná-las visíveis e perceptíveis com ações disseminadoras é possibilitar sociedades mais equilibradas e integradas.

A experiência das autobiografias

A produção colaborativa da série de vídeos intitulada Terra e Identidade - Autobiografias étnico-comunitárias foi protagonizada pelos estudantes indígenas do Ciclo de Iniciação Acadêmica Intercultural (Ciclo) da Universidade Estadual de Londrina (UEL), em parceria com estudantes não indígenas dos cursos de Design Gráfico, Moda e Jornalismo. O trabalho colaborativo e intercultural consistiu em oficinas de grafismos e de produção audiovisual, mediando processos de fortalecimento da identidade indígena e de interculturalidade. As autobiografias têm como objetivo "contribuir para a recuperação de parte da memória histórica dos estudantes indígenas com foco na afirmação de sua identidade étnica-comunitária (dimensão coletiva), possibilitando que cada sujeito possa elaborar seu memorial e apresentá-lo em forma de seminário para os seus colegas de turma" (Amaral, 2017). Foi recomendado aos estudantes que considerassem os seguintes aspectos: identificação pessoal, identificação familiar, identificação da comunidade a que pertence, percursos mais significativos realizados ao longo de sua vida, experiências educativas e escolares mais significativas, expectativas com a Universidade, relacionando com indagações sobre sua identidade étnica-comunitária.

As autobiografias étnico-comunitárias foram adotadas como atividade do Eixo Terra e Identidade em 2017, mas foram produzidas pela primeira vez em vídeo em 2018, utilizando a dinâmica de oficinas colaborativas. Foram oito encontros nos quais houve a discussão conceitual da atividade, orientações técnicas sobre como coletar imagens, elaborar as pesquisas, oficinas de roteiro e de grafismos para a elaboração das vinhetas e identidade visual, gravações em estúdio de televisão, edição e finalização. O design colaborativo procura responder questões socioculturais por ser desenvolvido com democracia e transparência junto aos envolvidos. A colaboração, por outro lado, pode ser definida como "esforço conjunto para um objetivo". Para integrar os participantes e alcançar o que se pretende, definimos o design colaborativo como "esforço comum intencional para criar uma solução". (Pirainen *et al.*, 2009, p. 248). As etnias participantes foram a Kaingang, a Guarani-Nandeva e a Guarani-

Mbia. “Cada comunidade possui seu repertório visual que imprime aos objetos significações e interpretações próprias. Este é construído por meio de uma linguagem visual que não é um sistema lógico, por esta razão, difícil de interpretar” (Cavalcante, 2014, p.91).

A co-criação da identidade visual por meio de oficina teve início com a exposição audiovisual de estudos anteriores a respeito de grafismos indígenas. Em seguida, ocorreu a atividade prática de desenho a mão livre em papel e corporal pelos próprios estudantes indígenas, que foram descrevendo a importância e os significados para suas etnias de cada grafismo desenhado. Foi um momento integrador, tanto para os indígenas como não indígenas que puderam tomar conhecimento a respeito das culturas participantes. Os desenhos e imagens gerados nesta oficina foram digitalizados, iniciando um processo participativo que envolveu estudantes de design e comunicação com interatividade na produção audiovisual. Esta, por ser colaborativa entre indígenas e não indígenas, foi em si um processo gerador de vínculos e criador de memórias.

Alguns estudantes indígenas, bastante tímidos, foram adquirindo confiança e passaram a interagir e se comunicar melhor com os estudantes não indígenas envolvidos nesta produção. Estes, por sua vez, desenvolveram empatia e puderam compreender a realidade os estudantes indígenas. Na medida em que favoreceu a interculturalidade e o fortalecimento da identidade indígena e até mesmo a visibilidade desses estudantes junto a diferentes setores da universidade, o projeto possibilitou a revitalização e criação de memórias, vínculos e inter-relacionamento de identidades culturais. Nesse sentido, encontramos sintonia com o pensamento de Maurice Halbwachs sobre como os homens tecem suas memórias a partir de interações, reiteradas em suas famílias e grupos de convívio. As lembranças individuais são fruto da complexidade das interações sociais vivenciadas por cada um. Como nos lembram Araújo e Santos, o indivíduo não pode isoladamente resgatar o passado, mesmo que ele tenha a impressão de que se trata de algo estritamente pessoal. Mesmo que resgate “acontecimentos nos quais só ele esteve envolvido ou fatos e objetos que só ele presenciou e viu, ela é coletiva, pois o indivíduo ainda que esteja só é o resultado das interações sociais. Ele vê o mundo através de construções coletivas como a linguagem.” (Araújo & Santos, 2007, p.97)

Memórias e vínculos: conectando territórios

As histórias de vida dos estudantes participantes dessa experiência são as mais variadas. Desde aqueles que foram criados na cidade e distantes da convivência na aldeia até

aqueles que falavam somente a língua indígena até o quinto ano do ensino fundamental na escola da terra indígena e depois passaram a estudar na cidade com professores falantes somente de Português (Figuras 1 e 2). Com experiências tão diversas, as autobiografias funcionaram, e vão continuar funcionando já que ficarão disponíveis *on line*, como pontes que conectam espaços, saberes e trajetórias. Em seus discursos audiovisuais, eles conectaram suas comunidades indígenas com sua presença na universidade, que representa em si a construção de "uma ponte", um novo habitar, nos termos de Heidegger. "A ponte não ocupa um lugar, mas o cria e o constitui" (cit por Di Felicce, 2017, p. 29).

Para Di Felicce e Pereira, a presença nas redes digitais faz com que os povos indígenas expandam seu território e seu ecossistema conectando-se a outros povos e outros contextos culturais globais. "Cria-se assim, uma complexa ecologia que une reticularmente os povos envolvidos, suas culturas, seus territórios, sua biodiversidade aos circuitos informativos digitais por meio de um singular dinamismo tecno-comunicativo-habitativo." (2017, p.43)

Figura 1: Autobiografia étnico-comunitária de Beatriz Gomes de Oliveira

Fonte: Canal Cuia UEL, 2018.

Figura 2: Autobiografia étnico-comunitária de Tiago Pyn Táhn de Almeida

Fonte: Canal Cuia UEL, 2018.

Di Felice considera um privilégio para a ciência e academia brasileira a proximidade com a riqueza do patrimônio linguístico, filosófico, cultural e social dos povos indígenas, levando em conta que estes podem contribuir de forma original e inovadora para diversas áreas do conhecimento. Na perspectiva da comunicação, o autor reconhece uma proximidade entre algumas características originais das interações comunicativas destes povos com as transformações das arquiteturas de comunicação e interação digitais das últimas décadas. Para ele, a comunicação tomou dimensões ecológicas, adquirindo o sentido de ambiências e condição habitativa (2017, p.10).

> Nasce, assim, a possibilidade de pensar em uma nova forma ecológica que, superando a visão ocidental antropocêntrica, começa a pensar a natureza e o mundo no contexto de relações comunicativas articuladas a partir de dinamismos criadores de redes de redes. (Di Felice, 2017, p.26)

Essa configuração da comunicação permite a formação de circuitos e interações que conectam os sujeitos, os media, o território e, neste caso, a universidade, de maneira imersiva e constitutiva. Uma prática comunicativa complexa e interativa do sujeito-media-circuitos informativos-territorialidades que, para Di Felice, se dá em uma ecologia reticular. Para

explicar esse contexto, o autor cita Latour, descrevendo que a “ação em rede é, portanto, o resultado da interação fértil de um conjunto de agentes (humanos e não) que intervêem ou deixam rastros durante o agir” (2017, p.37). Nessa dinâmica agregativa, cada um dos vários atores-redes desempenha seu papel conectivo.

> Temos deixado a condição habitativa ocidental, estamos em viagem em direção a um outro lugar complexo, caracterizado por uma nova condição habitativa reticular atópico (do grego a-topos, a coisa fora do lugar, localidade estranha, indizível) diante da qual sentimos a necessidade de um novo vocabulário e de um novo tipo de conhecimento, não só mais humano-cêntrico, racional e representativo, mas também uma expressão de saberes não-humanos e, consequentemente, conectivos. (DiFelice, 2017, p.39)

O estudantes não indígenas, mais apropriados das técnicas dos softwares de digitalização, gravação, edição, cumpriram assim o seu papel de estabelecer pontes com esses agentes não humanos, ao mesmo tempo em que tomaram contato com aspectos que conectam os indígenas aos animais e à natureza. Da mesma forma, os desenhos pintados no corpo ou colocados na vinheta de abertura de um vídeo cumprem o mesmo papel expressivo e estabelecem conexões e sentidos atualizados, porém ainda vinculados a uma cosmologia tradicional. Como se pode observar nas Figuras 3 e 4, os estudantes escolheram desenhos que representam proteção, ir e vir em segurança ou ainda o tema das trajetórias migratórias. Esses desenhos, em suas autobiografias, tomam o sentido de um amuleto para aqueles que se deslocam diariamente - às vezes três horas para chegar à universidade e mais três para voltar à terra indígena -, para aqueles que sofrem discriminação dos não-índios em sua permanência na universidade e ainda para aqueles que se obrigam a morar na cidade para conseguir estudar. São muitos obstáculos a se desviar.

Figura 3: Grafismos Kaingang

	Desenho utilizado em situações de perigo, como guerra ou caça. Representa proteção para ir e voltar em segurança.
	Identifica as metades kaingang, Kamé e Kairu, que classifica os homens e os seres da natureza de forma complementar. Na organização familiar, quem é Kamé deve se casar com alguém que se identifica como Kairú.

Fonte: Oficinas colaborativas de grafismos, 2018.

Figura 4: Grafismos Guarani

	Representa as trajetórias migrantes.
	Uma analogia com a forma como a cobra se desloca em zigue-zague, desviando-se dos obstáculos.
	Significa proteção no caminho.

Fonte: Oficinas colaborativas de grafismos, 2018.

Mais do que dar voz aos indígenas, visibilidade e um papel ativo na esfera pública, as redes digitais, na compreensão de Di Felice e Pereira, representam uma nova ecologia que reelabora os conceitos de espaço, técnica, natureza e sociedade. Trata-se de um net-ativismo que supera a dimensão subjetiva e abrange uma dimensão ecológico-habitativa.(2017, p.61)

Considerações

A experiência da produção das autobiografias étnico-comunitárias em vídeo foi uma oportunidade ímpar de conectar saberes, pessoas e territórios. Deve-se inicialmente essa oportunidade à existência do Ciclo Intercultural de Iniciação Acadêmica dos Estudantes Indígenas, que é uma iniciativa pioneira e inédita da UEL, um espaço de interlocução, onde sonha-se com uma outra concepção e configuração de universidade.

Interessante pensar também sobre o conceito de identidades culturais, retomando em especial o que nos diz Bauman sobre sua relação com o pertencimento. As identidades estão permeadas por decisões, trajetórias, sentidos restaurados e atualizados constantemente, são fluídas e estão em movimento.

A produção colaborativa e intercultural dos vídeos conectou saberes indígenas e não indígenas, construiu pontes entre as terras indígenas e a universidade, e ainda possibilitou o uso da tecnologia e das redes sociais para expandir as ecologias habitativas de todos os envolvidos. Ampliaram-se as conexões entre a natureza e a técnica, criaram-se memórias e vínculos. Tudo isso, contribui para a construção de novos sentidos de pertencimento e para a atualização da imagem do indígena do Século XXI.

Referências

Amaral, Wagner Roberto do. (2017) Autobiografia étnico-comunitária dos estudantes indígenas. Notas de aula. Londrina: Ciclo/UEL.

Araújo, Maria Paula Nascimento; Santos, Myrian Sepúlveda dos. (2007) História, memória e esquecimento: Implicações políticas. Revista Crítica de Ciências Sociais, 79, Dezembro, páginas 95-111.

Bauman, Zygmunt. (2005) Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Benedict, Ruth. O crisântemo e a espada. São Paulo: Perspectiva, 1972.

Caldart, Roseli. (1980) Sem terra com poesia. Petrópolis: Vozes.

Canclini, Néstor Garcia. (2015) Diferentes, desiguais e desconectados. Mapas de interculturalidade. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.

Cavalcante, Ana Luisa Boavista Lustosa. (2014) Design para a sustentabilidade cultural: recursos estruturantes para sistema habilitante de revitalização de conhecimento local e indígena. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. Disponível em: <http://btd.egc.ufsc.br/wp-content/uploads/2015/04/Ana-Luisa-Boavista-Lustosa-Cavalcante-1.pdf>. Acesso em: 22 Jun. 2018.

Di Felice, Massimo. Atopia, redes digitais e a crise das formas do habitar do Ocidente. (in) Di Felice, Massimo; Pereira, Eliete S.. Redes e ecologias comunicativas indígenas. As contribuições dos povos originários à Teoria da Comunicação. São Paulo: Paulus, 2017.

Di Felice, Massimo; Pereira, Eliete S.. Formas comunicativas do habitar indígena: a digitalização da floresta e o net-ativismo nativo no Brasil. (in) Di Felice, Massimo; Pereira, Eliete S.. Redes e ecologias comunicativas indígenas. As contribuições dos povos originários à Teoria da Comunicação. São Paulo: Paulus, 2017.

Di Felice, Massimo; Pereira, Eliete S.. Redes e ecologias comunicativas indígenas. As contribuições dos povos originários à Teoria da Comunicação. São Paulo: Paulus, 2017.

Hall, Stuart. (2003) Da diáspora. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, Editora UFMG. Brasília, Unesco.

Hall, Stuart. (1997) A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A Editora, .

Pereira, Eliete S.. Ecologia da Comunicação das formas estéticas reticulares: notas sobre a arte Kaxinauá. (in) Di Felice, Massimo; Pereira, Eliete S.. Redes e ecologias comunicativas indígenas. As contribuições dos povos originários à Teoria da Comunicação. São Paulo: Paulus, 2017.Hall, Stuart. (2003) Da diáspora. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte, Editora UFMG. Brasília, Unesco.

Piirainen, Kalle; Kolfschoten, Gwendolyn; Lukosch, Stephan. (2009) Unraveling Challenges in Collaborative Design: A Literature Study**.** L. Carriço, N. Baloian, and B. Fonseca (Eds.): CRIWG 2009 - Collaboration Research International Workshop on Groupware (CRIWG), LNCS 5784, pp. 247–261. Disponível em: <https://link.springer.com/chapter/10.1007%2F978-3-642-04216-4_20>. Acesso em: 27 Jun. 2018.